

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de memória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense e publicou as seguintes obras: *Os Dias de 1898* (1912), *Os Dias de 1912* (1912), *Os Dias de 1913* (1913), *Os Dias de 1914* (1914), *Os Dias de 1915* (1915), *Os Dias de 1916* (1916), *Os Dias de 1917* (1917), *Os Dias de 1918* (1918), *Os Dias de 1919* (1919), *Os Dias de 1920* (1920), *Os Dias de 1921* (1921), *Os Dias de 1922* (1922), *Os Dias de 1923* (1923), *Os Dias de 1924* (1924), *Os Dias de 1925* (1925), *Os Dias de 1926* (1926), *Os Dias de 1927* (1927), *Os Dias de 1928* (1928), *Os Dias de 1929* (1929), *Os Dias de 1930* (1930), *Os Dias de 1931* (1931), *Os Dias de 1932* (1932), *Os Dias de 1933* (1933), *Os Dias de 1934* (1934), *Os Dias de 1935* (1935), *Os Dias de 1936* (1936), *Os Dias de 1937* (1937), *Os Dias de 1938* (1938), *Os Dias de 1939* (1939), *Os Dias de 1940* (1940), *Os Dias de 1941* (1941), *Os Dias de 1942* (1942), *Os Dias de 1943* (1943), *Os Dias de 1944* (1944), *Os Dias de 1945* (1945), *Os Dias de 1946* (1946), *Os Dias de 1947* (1947), *Os Dias de 1948* (1948), *Os Dias de 1949* (1949), *Os Dias de 1950* (1950), *Os Dias de 1951* (1951), *Os Dias de 1952* (1952), *Os Dias de 1953* (1953), *Os Dias de 1954* (1954), *Os Dias de 1955* (1955), *Os Dias de 1956* (1956), *Os Dias de 1957* (1957), *Os Dias de 1958* (1958), *Os Dias de 1959* (1959), *Os Dias de 1960* (1960), *Os Dias de 1961* (1961), *Os Dias de 1962* (1962), *Os Dias de 1963* (1963), *Os Dias de 1964* (1964), *Os Dias de 1965* (1965), *Os Dias de 1966* (1966), *Os Dias de 1967* (1967), *Os Dias de 1968* (1968), *Os Dias de 1969* (1969), *Os Dias de 1970* (1970), *Os Dias de 1971* (1971), *Os Dias de 1972* (1972), *Os Dias de 1973* (1973), *Os Dias de 1974* (1974), *Os Dias de 1975* (1975), *Os Dias de 1976* (1976), *Os Dias de 1977* (1977), *Os Dias de 1978* (1978), *Os Dias de 1979* (1979), *Os Dias de 1980* (1980), *Os Dias de 1981* (1981), *Os Dias de 1982* (1982), *Os Dias de 1983* (1983), *Os Dias de 1984* (1984), *Os Dias de 1985* (1985), *Os Dias de 1986* (1986), *Os Dias de 1987* (1987), *Os Dias de 1988* (1988), *Os Dias de 1989* (1989), *Os Dias de 1990* (1990), *Os Dias de 1991* (1991), *Os Dias de 1992* (1992), *Os Dias de 1993* (1993), *Os Dias de 1994* (1994), *Os Dias de 1995* (1995), *Os Dias de 1996* (1996), *Os Dias de 1997* (1997), *Os Dias de 1998* (1998), *Os Dias de 1999* (1999), *Os Dias de 2000* (2000), *Os Dias de 2001* (2001), *Os Dias de 2002* (2002), *Os Dias de 2003* (2003), *Os Dias de 2004* (2004), *Os Dias de 2005* (2005), *Os Dias de 2006* (2006), *Os Dias de 2007* (2007), *Os Dias de 2008* (2008), *Os Dias de 2009* (2009), *Os Dias de 2010* (2010), *Os Dias de 2011* (2011), *Os Dias de 2012* (2012), *Os Dias de 2013* (2013), *Os Dias de 2014* (2014), *Os Dias de 2015* (2015), *Os Dias de 2016* (2016), *Os Dias de 2017* (2017), *Os Dias de 2018* (2018), *Os Dias de 2019* (2019), *Os Dias de 2020* (2020), *Os Dias de 2021* (2021), *Os Dias de 2022* (2022), *Os Dias de 2023* (2023).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Teve ainda outros trabalhos publicados em jornais e revistas, além de ser autor de várias obras de caráter pedagógico, incluindo livros didáticos. Após o fim da carreira pública, dedicou-se ao jornalismo e à literatura. Quando foi eleito presidente do conselho, organizou a primeira reunião da Academia Cearense de Letras. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou a primeira reunião do conselho acadêmico, ocasião em que se reuniu a primeira turma da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPE

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Resurgem novos ideais,
Trazendo a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

CID CARVALHO

Cid Sabóia de Carvalho nasceu em Fortaleza no dia 25 de agosto de 1935. Graduado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, em 1966, foi professor da mesma escola, bem como das Faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia da UFC. Advogado militante exerceu o cargo de procurador junto ao Conselho de Contas do Município. Foi senador da República.

Jornalista e radialista desde a juventude, tendo colaborado com vários jornais, rádios e televisão da cidade. Poeta, cujos poemas abordam predominantemente temas sociais. Possui trabalhos publicados em revistas de Direito e Comunicação e vários volumes de discursos parlamentares. Principais obras: *Gritos e murmúrios*, 1956; *Pássaro de fogo*, 1971; *Alma de cigarra*, 1986; *Opus 78*, 1978; e *Plenilúnio*, 1988.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 20 de março de 1980 sendo saudado pelo acadêmico J. C. de Alencar Araripe. Ocupa a vaga deixada pelo acadêmico Clodoaldo Pinto, cadeira número 20, cujo patrono é Liberato Barroso. Membro da Academia Cearense de Retórica, da Academia Cearense da Língua Portuguesa, da Associação Brasileira de Bibliófilos e da Academia Fortalezense de Letras, de onde foi o primeiro presidente.

ELEGIA QUASE ACALANTO

*Estou fazendo uma elegia
na paz que há em ti.
Estou fazendo acalanto
na ânsia de te embalar,
para ter a glória de te despertar
fugindo contigo pelos campos em flor
ou pela praia infinita
ou mesmo sobre o mar,
as águas do mar
ou dos rios que querem nos conduzir:
- os rios querem nos conduzir
para o fim que eles têm...
Dorme na minha palavra
que te desperto no meu verbo:
- antes era só o verbo
e hoje tudo é.
Estou fazendo uma elegia
na tua voz compassada, não cansada
e teus cabelos estão assanhados,*

*pregados à tua cabeça
ainda molhados de mar
ou de orvalho: às vezes de mar,
às vezes de orvalho.
Tu vieste correndo a muitos quilômetros
por hora.
Mas eu estou de elegia e de acalanto
e com as mãos cheias de aurora.
Por mim e por ti faço elegia
quase acalanto:
meu relógio está sem horas,
mas o nosso minuto tem todas as estações.*

LÁGRIMAS

*São puras estas lágrimas, Senhor.
Permite a mim que nunca se poluam
quando as guardar no meu lenço incolor.
Que sequem. Escondidas se destruam.*

*E que morram tão puras nessa dor
que as fez e, como lágrimas, construam
no mistério do Nada mais sabor
para as que hão de ser. Só constituam*

*a favor dos meus olhos argumento
que te explique, Senhor, com fundamento
a razão que os fez tanto desaguar...*

*Fiquem na alma; não corram pelo rosto
as lágrimas que deste com o desgosto
de, tendo-as puras, não poder mostrar...*

FONTE: CARVALHO, CID. *PÁSSARO DE FOGO*. FORTALEZA: IMP. UNIVERSITÁRIA, 1971. P. 35-36, 76. (POEMAS SELECIONADOS PELO AUTOR).